

Entrevista concedida por Martin Heidegger ao Professor Richard Wisser

(*Texto integral da entrevista concedida a Richard Wisser em 24 de setembro de 1969 e transmitida pelo canal 2 da televisão alemã, Z.D.F., por ocasião do octogésimo aniversário de Martin Heidegger.*)¹

Wisser: Prof. Heidegger, há em nossa época um número cada vez maior de vezes que se levantam — e de forma cada vez mais insistente — para proclamar que a tarefa decisiva do presente reside na transformação das relações sociais e para considerar essa transformação como o único ponto de partida para um futuro promissor.

Qual é sua posição, perante uma tal orientação, acerca do que se chama o "espírito do tempo" no que concerne, por exemplo, à reforma universitária?

Heidegger: Só responderei à última questão, pois a que o Sr. me fez, de início, é muito ampla. E a resposta que darei é aquela que dei, há qua-

renta anos, em minha aula inaugural na universidade de Freiburg, em 1929.

Eu cito uma passagem da conferência "O que é Metafísica?": "Os domínios das ciências encontram-se muito afastados uns dos outros. Sua maneira de tratar seus objetos é radicalmente diferente. Essas disciplinas múltiplas e dispersas devem hoje sua coesão unicamente à organização técnica da universidade e das faculdades e só guardam sua significação graças à finalidade prática dessas próprias disciplinas. Pelo contrário, o enraizamento das ciências em seu fundamento essencial está bem morto."

1 N. do T.: Essa entrevista foi publicada em alemão em *Martin Heidegger im Gespräch*, herausgegeben von Richard Wisser, Verlag Karl Alber, Freiburg/München, 1970. A presente versão é traduzida da edição francesa dos *Cahiers de L'Herne*, dedicados a Heidegger e organizados pelo prof. Michel Haar.

Penso que essa resposta deverá ser suficiente.

Wisser: Foram motivos muito distintos que levaram as tentativas modernas a resultar, no plano social ou no das relações entre os indivíduos, na reorientação das finalidades e na "reestruturação" dos domínios de fato. Evidentemente, muita filosofia está em jogo aqui, para o bem e para o mal.

O Sr. percebe uma missão social para a filosofia?

Heidegger: Não! —Nesse sentido não se pode falar de uma missão social.

Se se quer responder a esta questão, deve-se de início perguntar "o que é a sociedade?" e refletir sobre o fato-de que a sociedade de hoje é apenas a absolutização da *subjetividade* moderna e que, a partir daí, uma filosofia que ultrapassou o ponto de vista da subjetividade não tem, de todo, o direito de exprimir-se no mesmo tom.

Quanto a saber até que ponto pode-se verdadeiramente falar de uma *transformação* da sociedade, é outra questão. A questão da exigência da transformação do mundo nos leva a uma sentença muito citada das *Teses sobre Feuerbach* de Marx. Eu gostaria de citá-la exatamente e, por isso, vou lê-la: "Os filósofos somente *interpretaram* o mundo de maneiras diferentes; trata-se de *transformá-lo*."

Citando essa sentença e aplicando-a, perde-se de vista que uma transformação do mundo pressupõe uma mudan-

ça da *representação do mundo* e que uma representação do mundo só pode ser obtida por meio de uma *interpretação* suficiente do mundo. Isso significa que Marx fundamenta-se em uma interpretação bem determinada do mundo para exigir sua "transformação" e isso mostra que essa sentença é uma sentença não-fundamentada. Ela dá a impressão de ser pronunciada resolutamente contra a filosofia, ao passo que na segunda parte da sentença a exigência de uma filosofia está mesmo, tacitamente, pressuposta.

Wisser: De que maneira a sua filosofia pode hoje agir perante uma sociedade concreta com seus múltiplos encargos e preocupações, suas angústias e esperanças? Ou terão razão aqueles, entre seus críticos, que afirmam que Martin Heidegger se ocupa do "Ser" com tanta intensidade que sacrificou a condição humana, o ser do homem em sociedade e como pessoa?

Heidegger: Essa crítica é um grande mal-entendido! Pois a questão do Ser e o desenvolvimento dessa questão pressupõem mesmo uma interpretação do ser-aí (*Dasein*), quer dizer, uma determinação da essência do homem. E a idéia que está na base de meu pensamento é precisamente a de que o Ser ou o poder de manifestação do Ser precisa do homem e que, vice-versa, o homem é homem unicamente na medida em que encontra-se na abertura (*Offenbarkeit*) do Ser.

Por meio disso deveria ser decidida

a questão de saber em que medida eu só me ocupo do Ser, esquecendo-me do homem. Não se pode pôr a questão do Ser sem pôr a da essência do homem.

Wisser: Nietzsche disse um dia que o filósofo era a má-consciência de seu tempo. Pouco importa o que Nietzsche entendia por isso.

Mas se se considera sua tentativa de ver a história filosófica do passado como uma história do declínio do Ser, e portanto, de "destruí-la", poder-se-ia ficar tentado a chamar Martin Heidegger de "a má-consciência da filosofia ocidental".

Em que consiste, a seus olhos, o sinal mais característico, para não dizer o símbolo mais característico, do que o Sr. chama de "esquecimento do Ser" e de "abandono do Ser"?

Heidegger: De início, eu devo corrigir um aspecto de sua questão, quando o Sr. fala da "história do declínio". Essa expressão *não* é empregada *em sentido negativo!* Não falo de uma história do declínio, mas somente do destino (*Geschick*) do Ser na medida em que ele se retira cada vez mais em relação à manifestação do Ser entre os Gregos —até que o Ser torna-se uma simples objetividade para a ciência e, hoje, um simples fundo de reserva (*Bestand*) para a dominação técnica do mundo. Assim, nós nos encontramos não em uma história do declínio, mas em uma *retração do Ser*.

O sinal mais característico do es-

quecimento do Ser —e o esquecimento deve ser pensado *sempre* aqui a partir do grego, da *lethe*, quer dizer, do fato de que o Ser se oculta, se subtrai—, pois bem, o signo mais característico do destino que é o nosso, é —na medida em que posso percebê-lo— o fato de que a *questão do Ser* que eu ponho não tenha sido até agora *compreendida*.

Wisser: Há duas coisas que o Sr. sempre põe em questão e das quais sublinha o caráter problemático: a *pretensão da ciência à dominação* e uma maneira de conceber a *técnica* que só vê nela um meio útil de alcançar mais rapidamente o propósito a cada vez desejado. Precisamente em nossa época, onde a maior parte dos homens espera tudo da ciência e onde se lhe demonstra, por meio de transmissões televisivas mundiais, ou seja, extra-terrestres, que o homem alcança por meio da técnica aquilo a que ele se propõe nessa época, suas idéias sobre a ciência e sobre a essência da técnica tornam-se quebra-cabeças para muitas pessoas. Em primeiro lugar, o que o Sr. entende quando afirma que a ciência não pensa?

Heidegger: Começamos pelos quebra-cabeças: penso que eles são inteiramente salutares! O fato de que há ainda muito poucos quebra-cabeças hoje no mundo e também uma grande ausência de idéias é, precisamente, função do esquecimento do Ser. E essa sentença: a ciência não pensa,

que causou tanto alvoroço quando a pronunciei no contexto de uma conferência em Freiburg, significa: a ciência não se move na *dimensão da filosofia*. Mas, sem o saber, ela se *enratza* nessa dimensão.

Por exemplo: a física se move no espaço, no tempo e no movimento. A ciência como ciência não pode decidir o que é o movimento, o espaço, o tempo. A ciência não *pensa*, ela não pode mesmo pensar *nesse* sentido com seus métodos. Eu não posso dizer, por exemplo, com os métodos da física, o que é a física. Eu só posso pensar o que é a física na forma de uma interrogação filosófica. A sentença: a ciência não pensa, não é uma *repreensão*, mas uma simples *constatação* da estrutura interna da ciência; é próprio de sua essência que, de uma parte, ela dependa do que a filosofia pensa, mas que, de outra parte, ela esqueça e negligencie o que *ela* exige ser pensado.

Wisser: E, em segundo lugar, o que o Sr. entende quando diz que, para a humanidade, maior do que o perigo da bomba atômica é o conjunto das leis (*Ge-setz*) de que a técnica dispõe, seu "dispositivo" (*Ge-stell*), maneira pela qual o Sr. denomina o traço fundamental da técnica, que é o de desvelar o real como fundo de reserva, como se faz em uma encomenda,

onde tudo e todos são convocados como se se apertasse um botão?

Heidegger: No que concerne à técnica, minha definição da essência da técnica, que até agora não foi aceita em parte alguma é —para dizê-lo em termos concretos—, a de que as modernas ciências da natureza se fundam no quadro de desenvolvimento da essência da técnica e não o contrário. Eu devo dizer, de início, que eu *não sou contra* a técnica. Jamais falei contra a técnica e tampouco contra o que se chama de caráter "demoníaco" da técnica. Mas tento compreender a essência da técnica. Quando o Sr. evoca essa idéia do perigo representado pela bomba atômica e do perigo ainda maior representado pela técnica, eu penso naquilo que hoje se desenvolve sob o nome de biofísica, no fato de que, dentro de um tempo previsível, nós estaremos em condições de fabricar o homem, quer dizer, construí-lo em sua própria essência orgânica, tal como ele se fizer necessário: homens hábeis e inábeis, inteligentes e estúpidos. Vamos chegar lá! As possibilidades técnicas estão hoje a ponto de fazê-lo e elas já foram objeto de uma comunicação de alguns prêmios Nobel numa reunião em Lindau —sobre esse assunto eu já falei numa conferência pronunciada em Messkirch, há alguns anos.²

2 Conferência intitulada "Glossenheit, Sérénité", em *Questions III*, p. 161.

Então: é preciso, antes de tudo, evitar o mal-entendido segundo o qual eu seria contra a técnica.

Na técnica, a saber, em sua essência, eu vejo que o homem é posto sob o domínio de uma potência que o leva a relevar seus desafios e diante da qual ele não é mais livre —eu vejo que algo se anuncia aqui, a saber, uma relação entre o Ser e o homem— e que essa relação, que se dissimula na essência da técnica, poderia um dia desvelar-se com toda clareza.

Não sei se isso acontecerá! Vejo, contudo, na essência da técnica a primeira aparição de um segredo muito mais profundo que denomino *Ereignis*,³ donde o Sr. pode deduzir que não se trata absolutamente de uma resistência à técnica ou de sua condenação. Porém, trata-se de compreender a essência da técnica e do mundo técnico. Na minha opinião, isso não pode ser feito enquanto nos movermos, no plano filosófico, dentro da relação sujeito-objeto. Isso significa: a essência da técnica não pode ser compreendida a partir do *marxismo*. **Wisser:** Todas as suas reflexões fundam-se e desembocam na questão que é a questão fundamental de sua filosofia, a questão do Ser. Várias vezes o Sr. observou que não queria adicionar uma nova tese às numerosas teses que existem sobre o Ser. Precisamente porque o Ser foi definido de

maneiras muito diferentes, por exemplo, como qualidade, como possibilidade e realidade, como verdade, como Deus, o Sr. põe a questão de uma harmonia (*Einklang*) suscetível de ser compreendida, não no sentido de uma super-síntese, mas como um questionamento do sentido do Ser.

Em que direção se orienta, em seu pensamento, a resposta à questão: Por que há o ente e não antes o nada?

Heidegger: Devo responder a duas questões: Primeiramente devo esclarecer a questão do Ser. Creio entrever uma certa falta de clareza na maneira pela qual o Sr. formula a questão. A expressão "questão do Ser" é ambígua. A questão do Ser significa, de início, a questão do ente como ente. Nessa questão define-se o que é o ente. A resposta a essa questão dá a definição do Ser.

A questão do Ser pode, contudo, também ser compreendida no seguinte sentido: sobre o que se funda toda resposta à questão do ente, quer dizer, sobre o que se funda em geral o desvelamento (*Unverborgenheit*) do Ser? Para dar um exemplo: os Gregos definiam o Ser como a presença (*Anwesenheit*) do que está presente. A noção de presença lembra a de atualidade (*Gegenwart*), a atualidade é um momento do tempo, a definição do Ser como presença refere-se, pois, ao tempo.

3 Cf. *Questions I*, p. 270; tradução possível (Michel Haar): "acontecimento de apropriação".

Se tento, agora, determinar a presença a partir do tempo e se busco, na história do pensamento, o que foi dito sobre o tempo, descubro que desde Aristóteles a essência do tempo é determinada a partir de um Ser já *determinado*. Então: o conceito tradicional de tempo é inutilizável. E é por esse motivo que tentei desenvolver, em *Ser e Tempo*, um novo conceito do tempo e da temporalidade no sentido da abertura *ek-stática* (*ekstatische Offenheit*).

A outra questão é uma questão já formulada por Leibniz, retomada por Schelling e que eu repito textualmente no fim de minha conferência “O que é Metafísica?”, já mencionada.

Mas essa questão tem para mim um sentido inteiramente diferente. A idéia metafísica que se faz habitualmente do que está sendo perguntado nessa questão significa: no fim das contas, por que o *ente* é e não antes o nada? Quer dizer: onde está a causa (*Ursache*) ou o fundamento (*Grund*) para que o ente exista e não o nada?

Eu, de minha parte, pergunto: Por que o ente existe e não sobretudo o nada? Por que o ente tem prioridade, por que o nada não é pensado como idêntico ao Ser? Quer dizer: por que o esquecimento do Ser reina e de onde ele vem? Trata-se pois de uma questão inteiramente diferente da questão *metafísica*. Ou seja, eu pergunto: o que é a metafísica? Eu não formulo uma questão metafísica, mas a questão sobre a essência da metafísica.

Como o Sr vê, tais questões são todas extremamente difíceis e elas são, no fundo, inacessíveis à compreensão comum. Elas exigem um longo “quebracabeça”, uma longa experiência e uma verdadeira confrontação com a grande *tradição*. Um dos grandes perigos de nosso pensamento hoje é precisamente que o pensamento —eu o entendo no sentido do pensamento filosófico— não tem uma relação verdadeiramente originária com a tradição.

Wisser: Evidentemente o que importa para o Sr. é a desconstrução da subjetividade e não o que se escreve hoje em letras maiúsculas, “o Antropológico” e “o Antropocêntrico” —isto é, a idéia de que o homem já apreendeu, no conhecimento de si mesmo e na ação que ele realiza, a sua própria essência. O Sr. convida o homem a prestar mais atenção na experiência do *ser-at* (*Dasein*), onde o homem se reconhece como uma essência aberta ao Ser e o Ser se oferece a ele como desvelamento (*Unverborgenheit*). Toda sua obra está consagrada a provar a necessidade de uma tal transformação do *ser* do homem a partir de uma experiência do *ser-at*.

O Sr. percebe indícios que permitam crer que esse pensamento considerado necessário tornar-se-á realidade?

Heidegger: Ninguém sabe qual será o destino do pensamento. Em 1964, em uma conferência que não foi pronunciada por mim mesmo, mas cujo texto foi lido em tradução francesa, em Paris, eu falei do “fim da filosofia e a

tarefa do pensamento". Faço pois uma *distinção* entre a filosofia, quer dizer, a metafísica, e o pensamento, tal qual o entendo.

O pensamento que, nessa conferência, eu distingo da filosofia —o que se faz sobretudo quando tento esclarecer a essência da *aletheia* grega— esse pensamento é, fundamentalmente, em sua relação com a metafísica, muito mais simples do que a filosofia, mas precisamente em razão de sua simplicidade, muito mais difícil de se realizar.

E ele exige um novo cuidado com a linguagem, e não a invenção de ter-

mos novos como eu pensava outrora; muito mais um retorno ao conteúdo originário da linguagem que nos é própria e que é vítima de um contínuo perecer.

Um pensador futuro, que será talvez colocado perante a tarefa de assumir efetivamente esse pensamento que eu tento *preparar*, deverá acomodar-se a uma palavra que Heinrich von Kleist escreveu um dia e que diz:

"Apago-me diante de alguém que não está ainda aqui, e inclino-me, a um milênio de distância, perante seu espírito"

Tradução de Antonio Abranches (da versão francesa, revista e corrigida por Michel Haar, realizada pelo Serviço Lingüístico do Ministério dos Negócios Estrangeiros da R. F. A.).